

A histeria conversiva do capitalismo

Fernando Fagundes Ribeiro

Resumo

Em seu texto sobre como “Marx inventou o sintoma?”, Zizek desbarata o pseudouniversalismo burguês contido nas noções da liberdade e da troca justa entre equivalentes (esse ideal do mercado) segundo a “lógica da exceção” hegeliana. Depois, ele esclarece o ponto de vista de Lacan acerca da invenção marxista sintoma, que assimila o fetichismo da mercadoria dos tempos modernos à condição de sintoma conversivo do capitalismo, resultante do *deslocamento* para o mercado das relações fetichizadas entre pessoas nas sociedades feudais pré-modernas.

Palavras-chave: Psicanálise; Marx; Sociedade.

A origem do sintoma não deve ser buscada em Hipócrates, mas em Marx, na ligação que ele faz entre o capitalismo e o quê? – os bons velhos tempos, aquilo a que chamamos o tempo feudal. (Lacan, De um Outro ao outro).

Há uma surpreendente homologia de método entre Marx e Freud, apontada por Lacan no seu Seminário XVI quando trata da invenção do sintoma pelo marxismo. Surpreendente, na medida em que este seria seu “único elemento comum” com a psicanálise, embora a nosso ver bastante significativo. Afinal, trata-se do momento em que Freud, talvez apesar de si mesmo, teria sido verdadeiramente “revolucionário”.

Se há em Freud algo de revolucionário – digamos para designar assim um certo tom, pois já adverti contra o uso abusivo da palavra –, se houve um momento em

que Freud foi um revolucionário, foi na medida em que ele pôs em primeiro plano uma função que é também sugerida por Marx – aliás, esse é o único elemento que eles têm em comum –, ou seja, considerar um certo número de fatos como sintomas. (Lacan, *De um discurso que não fosse semblante*, p. 23)

Em seu texto sobre como “Marx inventou o sintoma?”, Zizek desenvolve esse comentário na chave hegeliana da “lógica da exceção”, retomada por Marx em sua análise do proletariado como sintoma do capitalismo. Num primeiro momento, ele desbarata o universalismo burguês contido nas noções ideológicas da liberdade e da troca justa entre equivalentes, esse ideal do mercado. Depois, ele especifica mais o ponto de vista de Lacan sobre a análise “sintomal” marxista, que assimila o fetichismo da mercadoria dos tempos modernos, quando submetemos nossa existência ao feitiço atrativo do mercado,¹ à condição de sintoma conversivo resultante do *deslocamento* das relações fetichizadas entre pessoas nas sociedades feudais pré-modernas.

Em primeiro lugar, vale assinalar em que consiste a especificidade da noção de “sintoma” em psicanálise, que se deve distinguir marcadamente do sentido “hipocrático” do termo. De forma geral, um sintoma pode ser visto como uma perturbação, um desequilíbrio que impede ou emperra o bom funcionamento do corpo individual (ou social). Contudo, distintamente do que ocorre na medicina tradicional, sua causa em psicanálise não deve ser buscada ao cabo de uma série de conexões empíricas e exames radiológicos, como ocorre na busca de uma degradação tissular interna. No caso de uma conversão histérica, trata-se de um fenômeno psicossomático em que uma contradição intolerável para a integridade imaginária do Eu se *desloca* para o teatro loquaz do corpo. Não estamos às voltas, aqui, é evidente, com o desdobramento de qualquer processo natural, mas com uma materialidade simbólica de caráter psicofísico.

Interpretando essa lógica da “disfunção sintomal” numa chave hegeliana, Zizek afirma que o sintoma é como uma “exceção” que eclode, ou resta, como efeito necessário de um processo de universalização totalizante. Essa lógica

1 Quem atenta para a estrutura dos telejornais televisivos percebe que a ordem é a seguinte: eventos políticos e sociais nacionais e internacionais, depois, a reação do Mercado, como um supremo avaliador, depois, os gols da rodada, para “relaxar” e irmos dormir com a sensação imaginária de que fizemos um gol enquanto somos cotidianamente explorados.

transparece no fim da primeira parte da *Fenomenologia do espírito*, por exemplo, quando ao erguer pretensão de se universalizar como consciência da efetividade, a certeza sensível apreende que as noções de que se serve para descrever sua experiência imediata, como “aqui” e “agora”, são noções que transcendem o imediato. O mesmo se passa com o termo “singularidade”, que pode ser aplicado a qualquer coisa. São exemplos de uma “exceção que subverte um gênero” de saber, exigindo seu ultrapassamento. *Mutatis mutandis* – isto é, transportando-nos da análise da experiência da consciência para a da realidade social – Marx apontou para o quanto a expansão universalizante das liberdades burguesas engendrou o seu oposto exato: o “livre direito do trabalhador vender sua força de trabalho”, que implica a sujeição dos músculos e dos nervos do proletário aos comandos do capital. O mesmo se passa quanto à pretensa universalidade embutida na “troca livre e justa” entre mercadorias, na medida em que a força de trabalho se constitui como uma mercadoria paradoxal, excepcional, que por gerar valor propicia a extração de mais valia.

Enfim, se os economistas ingleses se limitaram a revelar o segredo do valor das mercadorias no tempo de trabalho empreendido para produzi-las, Marx foi mais além na sua *Crítica da economia política*, reconhecendo um furo na lógica do mercado, uma inconsistência *sintomática* como o sofrimento do proletário (que não era contabilizado pelos economistas), que o levou a falar de exploração e luta de classes onde se enxergava apenas uma troca equivalente entre salário e mão de obra.

Num segundo momento, Žizek traz mais precisão à relação anotada por Lacan entre Marx e o sintoma. De forma homóloga ao que ocorre num processo onírico, ou num sintoma histérico de conversão,² o que Marx quis dizer, segundo Lacan, foi que a relação de dominação naturalizada existente na época feudal (servo/senhor), longe de ter sido simplesmente suprimida nos tempos modernos com a “conquista da autonomia dos indivíduos”, apenas se *deslocou* para o sistema das relações entre as mercadorias.

2 A conversão sintomática consiste em afecções do corpo como cegueira, paralisia, etc das quais não se encontra nenhuma causa orgânica.

É preciso buscar a descoberta do sintoma na maneira como Marx concebeu a passagem do feudalismo para o capitalismo. Com o estabelecimento da sociedade burguesa, as relações de dominação e servidão são recalçadas: formalmente, parecemos lidar apenas com sujeitos livres, cujas relações interpessoais são isentas de qualquer fetichismo; a verdade recalçada – a da persistência da dominação e da servidão – emerge num sintoma que subverte a aparência ideológica de igualdade, liberdade e assim por diante. Esse sintoma, o ponto de emergência da verdade das relações sociais, são precisamente as “relações sociais entre coisas”: “Em vez de aparecer e em quaisquer circunstâncias como suas próprias relações mútuas, as relações sociais entre indivíduos disfarçam-se sob a forma das relações sociais entre as coisas” – aí temos uma definição precisa do sintoma histórico, da “histeria de conversão” que é própria do capitalismo. (Zizek, *Mapa da ideologia*, p. 310)

Para alguns intérpretes marxistas, com a modernidade viveríamos a era da reificação das relações humanas, que acompanharia a do fetichismo da mercadoria. De fato, como se sabe, o período pré-moderno era marcado por relações sociais fetichizadas,³ enquanto a troca no mercado era relativamente “livre”, enquanto nós, modernos, experimentamos nossas relações sociais sob a forma *desfetichizada* e livre, se comparadas àquelas que regiam as sociedades pré-modernas, anteriores à expansão do mercado.⁴

Isso significa dizer que esses dois fetichismos, das pessoas e das coisas, NÃO coexistem historicamente. Mas não é menos verdade que a experiência moderna/liberal de uma subjetividade autônoma em relação a qualquer ideologia e em busca de seus interesses deu-se não pela supressão, mas pelo *recalque* das relações sociais de dominação sob a forma da relação entre coisas na troca mercantil. E é nesse plano prático das trocas simbólicas, em que cada um vale socialmente o que vale a sua força de trabalho, que devemos situar mais propriamente a ação da ideologia no capitalismo.

3 Quando por uma determinação reflexa o rei agia como se fosse substancialmente rei, ele ignorava o quanto seu título derivava do tratamento a ele dirigido pelos súditos (ou seja, ele não é obedecido por ser rei, mas o contrário).

4 Segundo Marx/Engels, “Onde quer que tenha assumido o poder, a burguesia pôs fim a todas as relações feudais, patriarcais e idílicas. Destruiu impiedosamente os vários laços feudais que ligavam o homem e seus “superiores naturais”, deixando como única forma de relação de homem a homem o laço do frio interesse, o insensível “pagamento à vista”. Afogou os êxtases sagrados do fervor religioso, do entusiasmo cavalheiresco, do sentimentalismo pequeno-burguês nas águas gélidas do cálculo egoísta. Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca e em nome das numerosas liberdades conquistadas estabeleceu a implacável liberdade de comércio. Em suma, substituiu a exploração, encoberta pelas ilusões religiosas e políticas, pela exploração aberta, única, direta e brutal. A burguesia despojou de sua auréola toda a ocupação até então considerada honrada e encarada com respeito. Converteu o médico, o jurista, o padre, o poeta, o homem da ciência em trabalhadores assalariados.” (Marx e Engels, Manifesto comunista, primeira parte.)

Numa retomada “althusseriana” desse conceito, Zizek assinala que a noção de *ideologia* corresponde não tanto ao plano da (falsa) consciência, ou do saber representacional, como das práticas efetivas que estruturam nossa relação com a realidade. Pouco importa o quanto sejamos conscientes ou não da exploração capitalista: na hora de agir, por meio do simples fato da compra e venda de mercadorias, entre as quais a própria força de trabalho, corroboramos com a vigência do mercado como sistema impessoal em que o “valor de uso” dos objetos é alienado em seu “valor de troca”. O mercado atua como uma espécie de grande Outro que subjaz à conquista da “autonomia” dos indivíduos.

O que posso pagar, ou seja, o que o dinheiro pode comprar, isso sou eu, o dono do dinheiro. Meu poder é tão grande quanto o poder do dinheiro (...) Portanto, o que sou e o que posso não está determinado por minha individualidade. (Marx, *Manuscritos*)

Conclusão

Adotando-se a leitura sintomal da passagem do feudalismo ao capitalismo, proposta por Marx/Lacan, há que se rever a tese segundo a qual com a democracia ocidental assistiríamos a um regime de imanência absoluta, que levaria em conta a “ausência do grande Outro” – ou a “morte de Deus”, para falar como Nietzsche – em prol da conquista da autonomia. Devido à grande “liberação” dos indivíduos de seu pertencimento comunitário e vínculo com a tradição, a modernidade realiza o deslocamento da reificação das relações de dominação da época feudal (servo/senhor) para as relações entre as mercadorias (entre elas a força de trabalho) no mercado. Foi por meio desse mecanismo das trocas, que procede de algum modo “no automático” (como as rodas de oração tibetanas, num recorrente exemplo de Zizek), que os indivíduos acharam meios de cultivar sua estética de si, sua singularidade mais íntima, à margem de qualquer ideologia. Mas essa possibilidade se funda na ignorância funcional do grande Outro do mercado, que resta inquestionado como tal pela nossa sociedade “pós-ideológica”.

Se se pensa que o mundo pode e deve mudar completamente, que não há a natureza das coisas para respeitar nem sujeitos pré-formados para suster, está-se admitindo que o indivíduo possa ser sacrificável. O que significa: ele não é dotado por si mesmo de nenhuma natureza que mereça que se trabalhe pela sua permanência.

(Badiou, O século)

Referências

Badiou, A. & Gauchet, M. (2014). *Que faire? Dialogue sur le comunisme, le capitalisme et l'avenir de la démocratie*. Paris : Philo Editions.

Badiou, A. (2007). *O século*. São Paulo: Ideias e letras.

Foucault, M. (2004). *O nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes.

Hegel, G. (1992). *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes.

Lacan, J. (2008). *Seminário XVI. De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar.

Marx, K. & ENGELS, F. (2007). *O manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo.

Marx, K. (2011). *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo.

Zizek, S. (1996). *Por que Marx inventou o sintoma*. In *O mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto.

The conversive hysteria of capitalism

Abstract

In his text about how “Marx invented a symptom?” Zizek discomfits the bourgeois pseudo universalism contained in notions of liberty and of the fair exchange between equivalents (this ideal trading) according to “exception of logic” by Hegel. Then he clarifies the Lacan’s perspective about Marxist symptom invention, which assimilates commodity fetishism from modern days to the condition of conversive symptom of capitalism, resulting from the shift to the market fetishized relations between people in pre-modern feudal societies.

Keywords: Psychoanalysis; Marx; Society.

L’hystérie conversif du capitalisme

Résumé

Dans son essai sur «Marx a inventé le symptôme?» Zizek dérouté pseudouniversalismo bourgeoise contenue dans les notions de liberté et d’échange équitable entre équivalent (le marché idéal) selon l’ «exception de la logique” hégélienne. Puis il explique le point de vue de Lacan sur l’invention des symptômes marxiste, qui assimile le fétichisme de la marchandise des temps modernes la condition conversion des symptômes du capitalisme résultant de la transition vers le marché fétichisé les relations entre les gens dans les sociétés féodales pré-modernes.

Mots-clés: Psychanalyse; Marx; Society.

La histeria conversiva del capitalismo

Resumen

En su texto sobre como “Marx inventó el síntoma?”, Zizek desbarata lo pseudo universalismo burgués contenido en las nociones de la libertad y del cambio justo entre equivalentes (ese ideal del mercado) según la lógica “de la excepción” hegeliana. Después, él esclarece el punto de vista de Lacan acerca de la invención marxista síntoma, que asimila el fetichismo de la mercancía de los tiempos modernos a la condición de síntoma conversivo del capitalismo, resultante del desplazamiento para el mercado de las relaciones fetichizadas entre personas en las sociedades feudais pre-modernas.

Palabras clave: Psychanalyse; Sociedad; Marx.

Fernando Fagundes Ribeiro

Professor de Teoria do Conhecimento e Filosofia Política do departamento de Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF).

fernandojfr@ig.com.br

Recebido/Received: 17.12.2015/12.17.2015

Aceito/Accepted: 06.07.2016/07.06.2016